



JOGO, LAZER E MANUTENÇÃO IDENTITÁRIA DE IMIGRANTES ESPANHOIS NO BRASIL

JUEGO, OCIO Y MANTENIMIENTO DE LA IDENTIDAD DE LOS INMIGRANTES ESPAÑOLES EN BRASIL

JOSÉ LUIZ DOSANJOS*

MANUEL HERNÁNDEZ VÁZQUEZ**

*Professor Associado da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES –
Brasil – GRUPO GESESC

** Professor Emérito da Universidad Politecnica de Madrid

Endereço do autor principal: Rua Pequim, 84 CEP 29013 275, Bairro
Araçás, Vila Velha – ES. Brasil – jluanjos1@hotmail.com

Resumo:

O processo de investigação obedeceu dois momentos metodológicos: o primeiro, no Brasil, onde foram entrevistados imigrantes espanhóis, e, ou filhos destes. E um segundo momento, analisou os significados dos jogos existentes nas Regiões da Espanha. O estudo levantou os jogos e as práticas culturais identificadas no Brasil e o seu posterior estágio cultural procurando responder, se os mesmos de tradição espanhola se constituíram em importantes elementos para manutenção, e continuidade do universo *identitário*. Utiliza a História Oral para resgatar a memória individual e coletiva dos grupos sociais de imigrantes espanhóis no Brasil.

Palavras-chave: Jogos e lazer. Identidade.

Abstract

The research process followed two methodological moments: the first, in Brazil, where Spanish immigrants were interviewed, and, or their children. And a second moment, analyzed the meanings of the games existing in the Regions of Spain. The study raised the cultural games and practices identified in Brazil and its subsequent cultural stage, trying to answer if the same ones of Spanish tradition constituted important elements for maintenance, and continuity of the identity universe. It uses the Oral History to rescue the individual and collective memory of the Spanish immigrant social groups in Brazil.

Keywords: Games and leisure. Identity.

Recibido: 7 de abril de 2017. Aceptado: 7 de julio de 2017

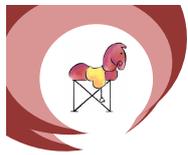


INTRODUÇÃO

O estudo teve como proposta, identificar os grupos sociais que formaram as comunidades de imigrantes e descendentes de espanhóis, onde puderam manter seus gostos culturais e de lazer. Há muitas formas de socializar, mas uma das mais antigas são os jogos os quais se desenvolve o convívio do lazer, permitido pela prática de jogos tradicionais, pela tradição, que espelham momentos baseados em situações de vida real ou representando cenários laborais. Eles permitem juntar pessoas e distintos grupos sociais, proporcionando momentos de convivência com representação de saberes, hierarquias e tradições. O jogo estruturado por elementos culturais promovem identidade através de distintas tradições, como festividade, expressões artísticas os quais procuram superar as emoções cotidianas.

QUESTÕES A INVESTIGAR

As comunidades foram espaços de convivências dos imigrantes, portanto se qualificaram como *lugar* onde as tradições culturais da terra natal são revividas na forma idealizada de uma Espanha transposta além Atlântico. Destacamos que essas tradições culturais trazem *memórias* de ordem geográfica no processo de construções identitárias, e aqui está o *objeto de pesquisa* dessa investigação. *Partimos da premissa* que os elementos tradicionais presentes nesses locais se constituíram em instrumentos de *continuidade*, no sentido de fortalecer tradições culturais. Então, perguntamos, quais são/foram os elementos ou convivência de lazer que acompanharam os grupos sociais espanhóis na decorrência do processo da imigração?. Entendemos que ao mapear esses elementos nos espaços sociais, estaremos concatenando os elementos constitutivos, ou seja, os atributos de ordem estética, social, econômica, de tradição etc. Sempre que se fala em imigrantes, não se impõe uma referência ao corte dos laços afetivo-emocionais, mas sim à separação espacial. No Brasil, onde a integração dos espanhóis foi facilitada, em parte, pelo idioma, a convivência no lazer reitera nosso problema: se os elementos culturais de tradição espanhola possuíam elementos basilares para manutenção da continuidade do universo *identitário*?

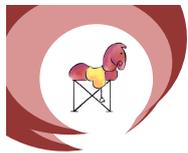


Devido a falta de referências bibliográficas fez, então, com que a metodologia empregada fosse a História Oral, ampliada com documentos, que é também objetivo da História Oral. Trabalhar com a História Oral significa partir de determinadas premissas: tem por base um projeto de pesquisa (não é somente coleta de dados); utiliza fontes orais obtidas em um processo de interação pesquisador-pesquisado; resgata a memória individual e coletiva; cria documentos por meio das fontes orais coletadas.

De fato, a História Oral é o relato de uma existência a um tempo concreto. As narrativas individuais indicam um tempo vivido em relação a outras pessoas que compuseram os diversos grupos sociais os quais passaram no decorrer da vida. As experiências militantes, de trabalho, do lazer, com camadas sociais distintas e outras são conceitos que cabe ao investigador estudar e problematizar, relacionando-os com a sociedade local e global onde se inserem. Já em solo espanhol, as reflexões recaíram na mesma perspectiva de análise. Trata-se, nesse caso, de um cruzamento de territórios e ligações geográficas considerando as informações de origem dos documentos ou dos jogos/lazer mencionados nas entrevistas no Brasil.

OS OBJETOS DE ESTUDO

Os espanhóis vieram para o Brasil em duas grandes ondas imigratórias, sendo a primeira, de 1897 a 1930/34, período chamado de “*Grande Imigração*”, constituída, em sua maioria, por camponeses galegos e jornaleiros andaluzes, fugindo da fome e em busca de terras para lavoura, já que na Espanha vivia-se uma crise econômica. A Segunda onda, após a Guerra Civil Espanhola e a II Guerra Mundial, de 1946 a 1963, foi composta por imigrantes mais escolarizados, de origem urbana, contudo esses dois processos migratórios não cobrem todos os grupos ou regiões espanholas. Em se tratando de pesquisas que abordam a cultura espanhola, utilizando matrizes sócio-antropológicas e históricas, não foi difícil de observar que jogos, lazeres e esportes não recebem, nem têm o mesmo estatuto de outras temáticas que se vislumbram nas pesquisas no Brasil. Podemos afirmar que esses elementos possuem pouca ou nenhuma visibilidade acadêmica em sua produção qualitativa, a partir desse viés que estamos apresentando. Essa preocupação também é notada por (Souza, 2006), (Martins, 2012) e (Cánovas, 2007) os quais constataram essa recorrente lacuna de produção teórica da imigração espanhola para, e no



Brasil. No que permite falar da educação física brasileira, há estudos que abordam a importância dos jogos populares ou tradicionais para as aulas de educação física conforme (Tavares, 2011) e (Franchi, 2013). Vale observar que, há uma forte indução de trabalhar os jogos a partir de uma pedagogia crítica, discutindo-os metodologicamente como tradição, significados e cultura. Contudo, vemos limitações nesses estudos, pois se há lacunas que abordem os jogos a partir das matrizes das Ciências Sociais, compreendê-los por esses conceitos, há que se ocupar de um extenso campo de conhecimento do contexto que os elementos culturais se inseriram. Conceitualmente, vemos necessidade de discutir o que o estudo entende por jogos tradicionais.

Caracterizar um conceito que define jogo ou que possa explicá-lo, sabemos que haverá limitações e passíveis de críticas. Por certo, ao reportarmos a conceituação de *jogo*, que neste estudo apresentamos como jogos tradicionais vemos que a pluralidade e a diversidade de jogos é muito grande e complexa e, qualquer caminho que tomarmos, é necessário fazê-lo com limitações. Somos conscientes de que é um tema de discussão que reúne distintas interpretações, conceituações, posturas fundamentadas e limitações que envolvem suas transcendências. Para este estudo jogo tradicional possui duas faces: cultura (expressão simbólica) e ações motrizes, embora ao longo deste estudo abordaremos a primeira face.

Assim adotamos conceituação sócio-histórico-cultural que de alguma forma reflete os sujeitos que dele participam, e o mantém socialmente. Sabendo da dificuldade de conceituá-lo e superar os entendimentos existentes, devido as multiplicidades de características, partimos de uma generalização convencional. Caberia aqui Roger Caillois, no entanto aportamos em (Huizinga, 1938, 54) que conceitua, como: [...] acción o actividad libre, realizada dentro de ciertos límites fijados en el tiempo y en el espacio, según una regla libremente aceptada [...].

Oportunamente é pertinente falar que “la vida corriente” de que trata Huizinga, (Recas, 2011, 36) citando Aguirre Franco ao tratar dos jogos vascos na Espanha diz que

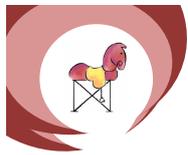
“Los juegos y deportes vascos constituyen una dramatización de la actividad cotidiana del hombre. [...] y



cualquiera que ésta sea, se ha puesto em competición, regulada por costumbres inveteradas que constituyen norma inquebrantable.”

Aqui mostra a face do jogo tradicional: “regulada por *costumbres inveteradas*”. A manutenção de elementos tradicionais no jogo, sejam estes simbólicos ou de ações motrizes é que garantem as continuidades desses no interior do grupo social, o que nos motivou buscar nos atores que vivenciaram sua formação social, qualificados como *lugar/espacos*, onde as práticas culturais da terra natal puderam ser revividas e idealizadas. Em efeito, pesquisas atuais têm destacado estudos tendo como objetivo o imigrante no meio urbano, e as abordagens deste no campo rural são específicas as quais não indicam temáticas da sociabilidade e tempos de lazer. De passagem, (Cernev, 2004) e (Martins, 2012) citam o lazer e os relacionamentos dos grupos sociais, a aprendizagem na escola, os jogos, mas não discutem ou analisam essas questões como objeto específico de seus estudos. No entanto, (Cánovas, 2005) faz uma discussão das *Associações de Mutuo Ajudas*, tendo como cenário a urbes de São Paulo nas primeiras décadas do Século XX, a qual foi referência para esse estudo. A autora indica locais de lazer e a organização dos imigrantes espanhóis em São Paulo, das festas religiosas e *romerías*, a preferência em constituírem torcedores do Corinthians, juntando a massa de operários e *negros*.

Gallego (1995) em sua análise sobre os efeitos da cultura dos espanhóis no Brasil, afirma que - as influências da cultura espanhola na cultura brasileira não são tão facilmente identificáveis como é a italiana, por exemplo, na culinária, na música, em certas expressões idiomáticas ou nas famosas festas religiosas, como as de Acchiropita e de S. Genaro. Os espanhóis, pela facilidade de se fazerem entender, pela proximidade do idioma castelhano e, mais ainda, do idioma galego com o português, conservavam mesmo depois de muitos anos de Brasil, com frequência a comunicação em seu idioma. Entretanto, não se percebe na fala popular do paulista, em geral, ou do paulistano, em particular, nenhuma influência do imigrante espanhol. O que propomos é bem simples: enxergar a realidade sob a perspectiva das pessoas comuns e das práticas, hábitos e rituais que caracterizaram o dia-a-dia delas, tirando o foco dos



grandes acontecimentos políticos e econômicos, mas também voltando-o para a riqueza que está próxima de todos, impregnada pela aparente banalidade do cotidiano.

COMUNIDADES E ESPAÇOS DE TRADIÇÃO: AÇÕES METODOLÓGICAS

Para esse estudo entrevistamos doze sujeitos de 67 a 89/91 anos de idade, filhos de imigrantes espanhóis vindo na primeira onda migratória. Dentre os entrevistados, dois são nascidos na Espanha de 89/91 e 87 anos de idade e aqui chegaram com as famílias. As Comunidades Autônomas na Espanha, de acordo com as entrevistas foram: Galícia (8), Andaluzia (3) e Múrcia (1). Os encontros para realização das entrevistas foram na própria residência e foram motivos de festa ao final destas. Geralmente realizado nos fins de semana, proporcionou o encontro de irmãos, irmãs, filhos, netos e bisnetos e tentativas de falar espanhol. Cada qual com os documentos dos antepassados manifestavam interesse que os mesmos fizesse parte da pesquisa. Quanto as respostas dos entrevistados era o momento oportuno para falar do passado, o que constata as oportunidades inerentes aos espaços sociais que reorganizam os elementos temporais (rituais, jogos, festas etc.) e espaciais (comunidade), como mediadores de saberes e transmissões das práticas cotidianas dos grupos sociais (Anjos, 2013).

Ao final das entrevistas transcorriam as informações familiares de antepassados e de nomes vinculados a família com descendência espanhola. Essas eram dadas pelos familiares vinculando cada resposta dada pelo entrevistado, como "reforço" e "colaboração" no processo da busca de informações. Embora, empiricamente podemos falar do constante movimento antagônico entre passado, presente e a perda da memória coletiva; as entrevistas constituíram-se em um ritual para os presentes na ocasião, pois pareceu ser um instrumento estratégico para seguir adiante todo o universo simbólico do grupo social. É este *movimento que* nos leva a analisar o entendimento de *continuidade*, porque entre os mais jovens do grupo percebeu-se certo pertencimento a um grupo social, embora não tenha conhecimento direto do seu passado, reafirmaram compromisso com este.

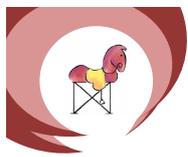


Ao tratarmos de *memória*¹, não se trata de relacionar o presente com o tempo vivido, mas sim de entender a releitura do sujeito que a produz. Esta não é estática preenchida com pedaços passivos do passado, antes de tudo, ela é prospectiva e se lança em direção ao futuro, pois toda *memória* é incontida de elementos simbólicos, o qual lhes dão jus o pertencimento aos sujeitos de um grupo social, mesmo que esses elementos sejam recriados no presente, define a autenticidade de seus significados no futuro (Anjos, 2013).

Aos entrevistados atribuímos denominações para preservar a identidade e as questões pessoais de cada um, ambas estão sujeitas as denominações mais usadas na Espanha: Paco, 75, Pepe, 82, Manolo, 89/91, Pilar, 81/85, Lola, 79, Maribel, 68, Quipe, 76, Mila, 82, Pepita, 67, Merche, Licha, 75 e Chema, 70. Elegemos duas Regiões para pesquisas: Interior de São Paulo, tendo os municípios de Catanduva, Sorocaba, Piracicaba e São Carlos, em face aos agrupamentos da imigração espanhola constituídos de Andaluces que ali se dirigiram para trabalharem na cafeicultura, e se constituíram na Zona Rural conforme estudos de (Truzzi, 2014) e (Palma, 2014). A região do município de Gerônimo Monteiro (ES) foi escolhida portanto um pequeno grupo de imigrantes galegos se fixaram ali em 1916, tendo como economia o trabalho em olarias, conforme informações de uma entrevistada. Mapeamos as comunidades de imigrantes espanhóis formadas no início século XX, de acordo com (Cánovas, 2007), e que atualmente ainda mantém associações com estrutura social. Escolhemos atores que viveram sua infância, juventude e vida adulta na Zona Rural e nessas pequenas comunidades, pois entendemos que os laços de preservação cultural foram mais intensos, já que nos microespaços sociais, estes não promovem a desterritorialização do sujeito, do pertencimento a cultura do grupo étnico ou gênero. Realizamos três entrevistas, duas das quais os entrevistados vieram da Espanha em 1936 e a coleta se deu no período de setembro a novembro de 2014.

Abordamos cinco questões que no decorrer da entrevista discutimos assuntos que vinham à tona permitidos pela via metodológica. Após suas identificações perguntamos aos entrevistados, - O que garante sua identidade com a cultura

¹ Para melhor entendimento ler: (Halbwachs, 2006).

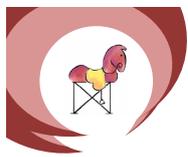


espanhola? Essa pergunta tinha como objetivo identificar os fios condutores dos objetivos traçados neste estudo.

Para Manolo, nascido na Espanha em Pontevedra, chegado ao Brasil em 1934 com nove anos de idade, disse que “[...] hoje eu sou brasileiro, estou aqui há mais de 70 anos. Mas tenho toda minha família na Espanha, e sei muita coisa de lá [...] tenho alguns gostos [como] tomar vinho, usar azeite e comer jámon”. A fala de Manolo é confirmada por Pepita, Paco e Pepe pois segundo eles, “o vinho, o azeite e o jámon” são marcas que os identificam com o antepassado de seus pais. Esses mesmos agentes de informação somados com as falas de Merche e Chema anunciam que ainda se lembram das receitas e dos temperos espanhóis, ao afirmarem que sabem fazer “gazpacho, alboronía, guiso de fabas e bacalao encebolado”, conhecimento adquirido no processo da relação mãe e filha tido como “dever” da futura “dona de casa”. Aqui reside um fato importante para este estudo. Foi o momento, onde colhemos os depoimentos em espanhol das denominações gastronômicas.

Falar espanhol em família segundo Licha, Merche e Chema deixou de ser uma atitude cotidiana quando os netos, o que trouxe certa desaprovação por eles ao ouvirem os depoimentos. O “câmbio (troca) de pratos” permitia certa distinção da família na comunidade nas palavras de Licha, pois compartilhar alimentos, além de ser um preparo trabalhoso, revigorava os laços de solidariedade e de aproximação com o “próximo”. Vemos nesse processo que a culinária de um grupo de imigrantes possui significados de memória e se torna um elo simbólico, que se perpetuou por mãos femininas os quais lembravam a mãe. Fora de seus limites de origem, a mulher, nesse caso, teve necessidade de cultivar sua identidade, a qual se torna mais autêntica, não permitindo as descontinuidades do que no país de origem. Interessante os estudos sociológicos das imigrações, porque nos revela que o homem muda de seu habitat para outro, levando consigo memórias e tradições, contudo há elementos, nos quais permanecem agindo como elemento central na preservação de identidades, aqui, revelou o *gênero* promovendo a continuidade da identidade culinária e a culinária ao lado da língua de origem, constituindo um das últimas tradições a desaparecer.

Embora os pioneiros familiares de imigrantes tenham procurado conservar os elementos culturais como culinária,



religiosidade, língua materna e convivência familiar; os hábitos locais foram sendo progressivamente incorporados pelas gerações seguintes. Isto porque as mudanças na posição social de um grupo na sociedade promovem rupturas em seu universo cultural, favorecendo a emergência de novas identidades. Além disso, ainda que os filhos recuperem suas raízes culturais, da língua, por exemplo, eles não viveram a experiência dos pais na sociedade de origem, ou das migrações, apenas podem recuperá-las simbolicamente. Portanto, falar espanhol quanto pertencimento a um grupo social é notória a distinção entre o imigrante nativo e seus descendentes. A continuidade da língua de origem é tida como uma crítica de proteção dos elementos culturais em face da sociedade de adoção. No caso da culinária, é o próprio corpo que sente, valoriza, aprova e seleciona o que comer.

Cánovas (2007) discute as festas familiares, como “ocasiões de grandes relacionamentos sociais”. Esses eram realizados num clima de camaradagem e de intimidade. Geralmente promovidos para celebrar algum acontecimento de importância particular, reafirmavam relações de parentescos, de vizinhança e de amizade entre os participantes. Para autora, a presença de músicos garantindo a festa era indispensável. Portanto, “aprender a tocar instrumento por um “chico” lhe outorgava hierarquia na comunidade, pois sempre era convidado aonde havia festas. Pepe, Manolo e Paco são protagonistas desta continuidade, e se promovem exibindo seus instrumentos de origem galega, gaita e pandeiro aos seus filhos e netos. O saber fazer, o aprender são transmitidos as gerações, pela repetição, pelo empírico, pelo experimentar e tende a se perpetuar. Daí a busca desses elementos pelos agentes de continuidade dessa tradição. Os sujeitos vão se realimentando dos mesmos valores e seguindo novos rumos, ocupando os espaços neste processo de continuidade de entregas de recepção de saberes, já que para Mila e Pilar “hoje está difícil de encontrar condimentos [...] ou [...] não tem ninguém pra ensinar guitarra espanhola”. Não importa as descontinuidades dos elementos tradicionais, mas as estruturas sociais que envolvem os códigos atribuem aos sujeitos novos símbolos que se ressignificam no interior dos espaços de recepção de saberes.

Inicialmente é oportuno discutir, minimamente, a militância política dos espanhóis no período estudado. Correia (1986) *conforme* (Maciel, 1995) e (Antonacci, 1995) discutiram a



militância anarquista em São Paulo nas primeiras décadas do Século XX. Segundo as autoras, as residências dos militantes anarquistas serviram de pousada para os imigrantes que vinham de Santos, e no período de suas estadas discutiam estratégias e planos das militâncias, onde os elementos artísticos recebiam atenção desses. As propostas eram debatidas e planejadas constituindo como eixo motor deste processo entre outros, a construção de escolas anarquistas denominadas de Escolas Modernas. As próprias professoras divulgavam o programa das escolas e discutiam os instrumentos de ensino tendo o teatro como ponto de maior importância, porque proporcionava a aprendizagem da língua espanhola. Constituía momentos de lazer em suas apresentações, além de trazer discussões anarquistas no desempenho das performances apresentadas.

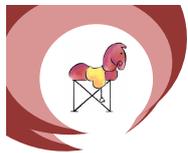
Merche nascida em Conchal, Interior de São Paulo, diz que “[...] a escola donde morávamos foi construída por papai. Ele *construiu* a escola com seus irmãos e ficou dois anos sem professora, era lá, que brincávamos. Merche assinala algumas brincadeiras da escola: “pular ‘comba’ é o que mais a gente fazia. Eram só as meninas porque tinham uns versinhos que a professora ensinava quando a gente pulava”.

“tengo una muñeca, vestida de azul,
con su camiseta, y su canesú,
la saqué al paseo y se me constipó.

Dos y dos son cuatro, cuatro y cuatro son ocho,
y ocho y ocho son dieciséis”.

Segundo Merche e Pepita “todos os filhos de imigrantes espanhóis estudavam”. Isso confirma o que (Cánovas, 2007) e (Maciel, 1995) e (Antonacci, 1995) constataram que na década dos anos de 1920, os filhos dos imigrantes representavam o dobro de alunos matriculados nas escolas públicas. No entanto, segundo as entrevistadas as professoras ensinavam a falar português, e em “casa era proibido a gente falar espanhol”. Tal fato é discutido entre os historiadores, os quais revelam que entre os imigrantes havia animosidades entre aqueles que acreditavam em que seus filhos, mesmo nascidos no Brasil, algum dia voltariam à Pátria-mãe, daí a necessidade de manter os laços com a língua pátria, enquanto para outros regressarem à Espanha era um plano cada vez mais distante (Cánovas, 2007).

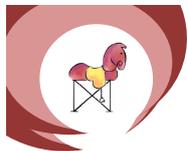
Se a escola possibilitava momentos de manifestação da língua familiar, em casa, nos momentos de brincadeiras, as entrevistadas comentam que quando brincavam de pular corda cantavam em espanhol.



“Al pasar la barca, me dijo el barquero,
las niñas bonitas, no pagan diñero,
yo no soy bonita, ni lo quiero ser,
porque las bonitas se suelen perder”.

Embora tenham vivido em regiões distintas, Pepita no Espírito Santo e Merche do Interior de São Paulo, ambas relembram fases da infância semelhantes, porque “nas combas a gente ensinava outras meninas vizinhas”. Indagadas sobre o que ensinavam, enfaticamente recitavam os versos de pular corda (comba) em espanhol. As outras meninas brincavam, visto que gostavam de aprender palavras diferentes [...] “A gente era conhecida na Vila, por isso”. A preocupação com a educação das filhas era um sinal de distinção nas Vilas de imigrantes espanhóis, por sinal, ao se falar de distinção cabe discutir o conceito de identidade pela qual os imigrantes foram reconhecidos. Textualmente temos como identidade a ação construída pelos sujeitos, valendo-se de sua história, da sua posição geográfica, das instituições produtivas, das memórias coletivas e das fantasias pessoais, e das revelações de cunho subjetivos e religiosos. Estes elementos são processados por sujeitos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de suas tendências sociais e projetos culturais, enraizados na estrutura social e em sua visão de tempo e espaço.

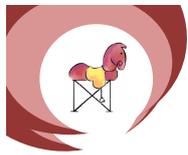
Também a identidade trata-se, antes de tudo, em uma questão de interesse, permitida pelas relações que circunscrevem no determinado espaço, já que os processos sociais envolvidos na formação e manutenção da identidade são determinados pela estrutura social, de forma que, quanto mais subalterno é o grupo, maior a dificuldade de legitimar ou expressar sua identidade. E, num segundo momento – identidade não pode ser definida absolutamente na relação isolada com outros grupos, pois pensar a identidade há que conceituá-la com a existência de um grupo - “nós”, implica a relação com o “outro”. Por isso, justamente a identidade se processa na relação do “nós” com o “outro” nos interesses de preservar elementos culturais que estão em jogo. O ato migratório, o desenraizamento de uma terra, a viagem ao Atlântico, tratava-se de um conjunto de distinções valorizadas como libertadoras e de emancipação social. Mais que libertadora é um ato revolucionário que confirma uma mudança identitária e a aceitação de seus elementos culturais interagirem com



incessantes transformações. O “outro” é necessário a fim de que seus símbolos, sua identidade se prolongue.

Os nossos estudos abrem possibilidade de abordar e discutir algumas questões que estão intrínsecas a sociedade espanhola centenariamente. Trata-se da questão do regionalismo. A questão do regionalismo cultural espanhol é abordada pelos autores brasileiros traduzindo uma inquietação histórica no cenário político. As diferenças regionais, bem como aquelas provocadas pela guerra civil (1936-39), parecem ter mantido também no Brasil, colaborando para a fragmentação e reduzindo a visibilidade das marcas culturais (Maciel; Antonacci, 1995). Podemos dizer que as dissensões regionais já se manifestavam antes da guerra civil, mas também foram estimuladas pelo Estado espanhol, numa tentativa de evitar a coesão e o fortalecimento dos emigrantes pós-guerras, no poder de pressão, sobretudo de suas entidades representativas. Manolo, que retornou à Espanha para estar a serviço na II Guerra Mundial, aponta os jogos de lutas como símbolos da força e do preparo do jovem espanhol. Manolo lembra que havia “luta canária, luta dos andaluzes, do povo da Extremadura”. Embora fossem lutas com pequenas distinções, “o jovem não aceitava instruções de um lutador experiente que fosse de outra região”. Para ele, isso foi percebido no exército espanhol. Em oposição a introspecção de um jogo, de uma luta não ser aceita, recebemos informações que a “regionalidade” se circunscreve em todo Reino da Espanha.

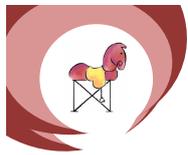
Não aderir a um jogo/luta por características regionais nos leva a crer que este reflete o ‘jogo social e político’; fenômeno típico dos diversos movimentos políticos de posição separatista, ligados aos nacionalismos periféricos existentes na Espanha. Dias (2010), nos fornece elementos para essa discussão ao abordar as recorrentes fundações e dissoluções das entidades representativas espanholas no decorrer das três primeiras décadas. Posto que tivessem os mesmos objetivos em uma mesma região, observava a criação de “tantas quantas forem as regiões de origem dos imigrantes”. Nas palavras de Manolo “o jovem não aceitava instruções” está acima de uma simples interpretação de não receber instruções técnicas de luta. Weber (2007) também chega à essa conclusão ao relatar que, posições políticas tomadas por diretores e lideranças no interior das Associações tendo pró franquistas ou pró republicanos, traduziram em constantes dissoluções de entidades



representativas ou de enfraquecimento dessas em relação aos objetivos.

É pertinente abordar a questão do papel das associações nas comunidades de imigrantes espanhóis. Elas foram importantes no processo de adaptação, defesa de interesses, assistência social e referência cultural na ampla teia de relações dos imigrantes. Contudo, vamos abordar como os agentes se manifestavam e se faziam entender como grupo social no tempo e nos espaços de lazer. Cabe destacar que o tempo e espaço de lazer não foram nas associações criadas, mas se deu relativamente após as missas aos domingos. Para os atores – onde se mais jogava, era nos barracões após as missas. Seguindo a interpretação dos atores, “era após as missas que a gente jogava, *brincava* e conhecia quem era novo na comunidade”. Aqui podemos pensar o lazer como festa, pois remete a significados. Analisando as interpretações dos nossos atores, o tempo do lazer se tratava de situações profanas, sagradas, familiar e de grupos; em última instância, comunitárias. Percebe-se que os imigrantes ou filhos destes queriam buscar no passado, ou algo do passado, o cotidiano tradicional buscando manter e atualizar significações, expressões e relações simbólicas, fortalecendo sentimentos próprios de si mesmos, porém com o “outro”. Neste caso, o lazer e a festa definem identidades nos espaços sociais. Também há que relatar que os jogos manifestados se tratavam de uma produção do cotidiano, uma ação coletiva. O *jogo de bolos* aparece nas falas de todos os atores. Esse jogo está presente na infância e na vida adulta dos atores não havendo distinção de gênero de quem o praticasse. Para os atores havia nítida separação dos jogos de acordo com a idade, gênero e da participação, contudo havia aqueles que nos espaços poderiam ser *contados* homens e mulheres, pois de acordo com Quipe e Pepe “nos domingos de manhã e também pela tarde nos jogos de bolos e de malha (*tanguilla*) havia homens e mulheres assistindo”.

Vale analisar as falas interessantes, quando perguntamos se poderiam descrever alguns jogos. Interpretando as descrições, os imigrantes utilizavam de seus equipamentos de trabalhos, dando a eles características de instrumentos e ou equipamentos de determinados jogos. Justamente, o que se trata de equipamento de trabalho se transforma em instrumento de jogos, são exemplos típicos dos jogos tradicionais da região da Norte da Espanha, em Navarra, precisamente no País Basco e

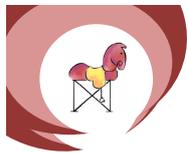


na Catalunha. Contudo vale analisar que o grupo dos atores deste estudo se constituem de galegos e andaluces, mas não encontramos jogos que manifestassem a “imitação do trabalho” nessas regiões. Buscando em outros estudos, vimos que a representação da identidade no seu processo de produção simbólica pelo grupo social realça ou disfarça diferenciações internas conforme a necessidade de se fazer “conhecido” e “agradável” ao “outro”, já que a valorização da identidade coletiva é maior, e dentro desse processo ocorre subtração/negação de diferenças internas valorizando as semelhanças identitárias, elegendo aspectos no campo simbólico que produz a identidade coletiva. Então, para ser conhecido como “espanhóis” e seus jogos, apropria-se de jogos não pertencente a sua região/comunidade, manifestando uma identidade pluralizada: sou espanhol, mesmo manifestando o jogo de outrem.

O jogo estabelece relações com o mundo social, manifestando domínios, conformações com o que é hegemônico e pactuado no grupo social. Neste sentido os depoimentos, sempre parciais, transmitem uma versão dos acontecimentos, e não a sua reconstituição política. A visão do ator social pode ser inconscientemente deturpada, por fundar-se na memória, então, as narrativas podem ser imprecisas, com episódios deslocados temporalmente, porque o fato passado e o depoimento presente fazem com que a memória reinterprete os fatos, visto que a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos, então o ator social conta e reconta o seu passado, no qual na verdade, já é uma interpretação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

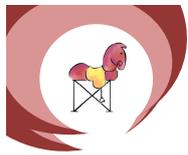
O estudo possibilitou mostrar o jogo e o lazer como elementos identitários, assegurando continuidade de experiências, tanto individual como do grupo social, na transmissão de ações e narrativas de grupos de descendentes de imigrantes espanhóis nos trouxe como resposta, considerações de múltiplos desdobramentos. Isto porque as práticas dos atores sociais (individuais e coletivas) no ato de recordar suas experiências interpretam, utilizam de suas narrativas e por elas tentam se orientar, seguindo seus interesses e seus valores. Assim, os acontecimentos da vida de uma pessoa, desde a mais tenra idade, produzem sobre ela uma imagem de si mesma, que



se constrói a partir das relações que ela estabelece com os outros - pais, família, parentela, instituições, traduzindo em um contínuo processo de crescente diferenciação, e torna-se ainda mais abrangente, à medida que o indivíduo vai ganhando cada vez maior consciência de um círculo em constante ampliação de outros, que são significativos para ele.

Nesses círculos de constantes ampliações a facilidades relativas de inserirem, e serem influenciados em uma cultura pluralizada como a brasileira. Os elementos culturais marcantes aos quais os descendentes de imigrantes espanhóis se dirigiram, conforme assinala o estudo, se apoiam sobre dois destes: a língua e a culinária. Contudo para nosso estudo não se tratou de discuti-los isoladamente, mas nos contextos das relações dos grupos sociais os quais denominamos de espaços de recepção e entrega de saberes, circunscrito aqui e entendido como lazer. A culinária nos pareceu um elemento cultural basilar que promoveu e possibilitou cujos processos de continuidades. Desta forma, na promoção de encontros entre famílias, possibilitado pela confraternização de um almoço, elementos como a dança, a aprendizagem dos instrumentos musicais, canções e reminiscências do além-mar seguiram constituindo o universo simbólico dos grupos sociais estudados.

O segundo, a língua espanhola constituiu como importante elemento que permitiu a distinção coletiva, bem que para sua continuidade ou descontinuidade sofresse intervenções políticas e ideológicas circunscritas, mas também criadas pelo próprio grupo social. Enquanto para um grupo a continuidade da língua traduzia a possibilidade de retorno à pátria-mãe, para outros essa possibilidade estava cada vez mais distante. De outra maneira, sintetizando essa consideração, não obstante saibamos que existem várias maneiras nas quais os indivíduos de um grupo pode se apresentar ao "outro", o reconhecimento distintivo partiu do "outro", tendo a língua como elemento, que o indicava seu pertencimento cultural. O cotidiano escolar indicou um novo espaço de continuidades da língua materna, atravessado pela oficialidade dos contextos educacionais que traduziam as tendências políticas pedagógicas. Também permitiu entre os alunos a relação com o outro e ser identificado como pertencente a um grupo social. A literatura nos deu suporte para esse entendimento, que permitiu analisar a continuidade da língua espanhola no processo e instrumento de educação nas escolas anarquistas.



Por último, o jogo, analiticamente, obedece as circunscrições políticas e sociais, que no seu interior é manifestada e expressa pelos seus praticantes. O jogo, nesse estudo, nos mostrou dois contextos distintos: um contexto de interação que acolhe e acomoda os universos culturais distintos (andaluzes e galegos manifestando e expressando a identidade espanhola através de um jogo que não lhe pertence), como no caso dos jogos interpretados pelos nossos informantes; e análogo, o jogo, como elemento cultural que na percepção da distinção promove atitudes permeadas por múltiplas e históricas concepções conflitantes, traduzindo nas divisões espaciais e geográficas conhecidas na sociedade espanhola. Nesse contexto, o jogo não é mediador para se relacionar com o “outro”, mas lócus identitários que os sujeitos se reconhecem introspectivamente, vinculando resistência, hierarquias e classificações comparativas de poder, portanto estabelecendo fronteiras entre “nós” e o “outro”.

Referências

- ANJOS, J. Luiz dos. (2013). Porto Alegre. *Festa, danças e representações: continuidade de tradições e plasticidades culturais*. Revista Movimento, v. 19, n. 03. 2013.
- CÁNOVAS, M. D. K. (2007). *Imigrantes espanhóis na paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. Universidade de São Paulo, USP. Tese de Doutorado do Programa de História Social, 472f.
- CAPELATO, M. H. R. (2009). *Ensino primário franquista: os livros escolares como instrumento de doutrinação infantil*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 29, n. 57.
- CERNEV, J. *Memória & Cotidiano – Cenas do norte do Paraná: escritos que se recompõem*. In: CERNEV, J. (2004), (Org.) Associação Pró Memória de Londrina e Região. Raízes e Dados Históricos - 1930-2004. Universidade Estadual de Londrina.
- CORNER, D. M. R. (2005). *A gastronomia como fator identitário: lembranças e silêncios dos imigrantes espanhóis na cidade de São Paulo (1946-1965)*. Dissertação de Mestrado em História Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 225f.
- DIAS, V. M. (2010). *“Inserção às avessas”: a imigração espanhola em Franca-SP (1900-1955)*. Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. CD-Room.



FERREIRA, M. M.; ALBERTI, V.; FERNANDES, T. M. (2000). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.

FRANCHI, S. (2013). Jogos tradicionais/populares como conteúdo da cultura corporal na educação física escolar. *Motrivivência*, Ano XXV, n. 40.

HALBWACHS, M. (2006). *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MARTINS, G. C. P. (2012). As relações cotidianas de uma comunidade de cafeicultores, nas memórias de Braz Ponce Martins (1897-1975). Mestrado em História. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Política, Movimentos Populacionais e Sociais, da Universidade Estadual de Maringá. 230f.

MERCHÁN, M. C. (2002). *Juegos tradicionales infantiles de Extremadura*. Mérida: Ed. Regional de Extremadura.

PROCHNOW, L. N. (2009). *Memórias, narrativas e história: a imigração espanhola recente em Porto Alegre*. Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 180f.

SOSA, N. C. (1995). *Juegos y deportes vernáculos y tradicionales canários*. Las Palmas de Gran Canaria: Servicio Insular de Cultura.

SOUZA, I. I. *Espanhóis*. (2006). História e engajamento. São Paulo: Cia Ed. Nacional.

TAVARES, M. (2010). *Jogo, brinquedo e brincadeira nas aulas de Educação Física*. Buenos Ayres. Digital, ano 15, n. 144.

VERDES, R. Pérez y. (1986). *Xogos populares em galicia*. La Coruna: Xunta de Galicia Conselleria de Turismo.

WEBER, R. (2007). *Emigrantes Espanhóis no Século XX: trajetórias individuais e história contemporânea*. Revista da Associação Brasileira de História Oral. v. 10, n. 2.